

“OS ESCRAVOS DO SR. MANOEL MAURÍCIO, CONVIDARAM, SEM LICENÇA DE SEU SENHOR, DIVERSOS COMPANHEIROS EM NÚMERO DE DEZESSEIS, PARA UM ‘SAMBA’”: (RE)EXISTÊNCIAS, SAMBAS E DIVERTIMENTOS NA VIDA DOS/AS ESCRAVIZADOS/AS DURANTE O SÉCULO XIX (1800 – 1899)¹

Recebido em: 17/05/2024

Aprovado em: 22/11/2024

Licença: 

Danilo da Silva Ramos²

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0003-0721-4848>

Alysson dos Anjos Silva³

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-1399-0184>

RESUMO: Como o samba, no século XIX, atuava como uma prática de (re)existência e sociabilidade entre os/as escravizados/as, mesmo sob repressão? O objetivo geral deste estudo é discutir os processos de (re)existências nos sambas durante o século XIX, a partir da análise de fontes da imprensa nacional. A metodologia consistiu na catalogação de 1179 fontes de periódicos disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, utilizando a leitura crítica dessas fontes para identificar menções ao samba e suas implicações na vida dos/as escravizados/as. Os resultados indicam que o samba foi uma prática constante entre os/as escravizados/as, mesmo sob forte repressão, além de funcionar como um espaço de sociabilidade e afetos. As implicações científicas e sociais da pesquisa destacam a importância de trazer a memória dos/as escravizados/as ao campo de estudos do lazer, contribuindo para discussões sobre reparação histórica nesse âmbito.

PALAVRAS-CHAVE: Pessoas negras. Sambas. Divertimento. (Re)existências. Escravidão.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Bolsa de Demanda Social (DS).

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista CAPES – Demanda Social (DS).

³ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais. Bolsista CAPES – Demanda Social (DS)

"THE SLAVES OF MR. MANOEL MAURÍCIO INVITED, WITHOUT THEIR MASTER'S PERMISSION, SEVERAL COMPANIONS, TOTALING SIXTEEN, TO A 'SAMBA'": (RE)EXISTENCES, SAMBAS, AND RECREATIONS IN THE LIVES OF THE ENSLAVED DURING THE 19TH CENTURY (1800 – 1899)

ABSTRACT: How did samba in the 19th century serve as a practice of (re)existence and sociability among enslaved people, despite repression? The main objective of this study is to discuss the processes of (re)existence in sambas during the 19th century, based on an analysis of national press sources. The methodology involved cataloging 1,179 sources from periodicals available in the National Library's digital archive, using critical reading of these sources to identify references to samba and its implications in the lives of enslaved people. The results indicate that samba was a constant practice among enslaved people, even under strong repression, and it also functioned as a space for sociability and affection. The scientific and social implications of the research highlight the importance of bringing the memory of the enslaved into the field of leisure studies, contributing to discussions on historical reparation within this context.

KEYWORDS: Black people. Samba. Recreation. (Re)existence. Slavery.

Quando nós falamos tagarelando
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinando
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é por que estamos errando
É porque não fomos colonizados
Viva, viva,
Porque todas vidas importam
Nego Bispo (2020)

Notas Introdutórias

Existem determinadas práticas culturais que, tão popularizadas e enraizadas em nosso país, perdem-se em nossa memória quanto à sua ancestralidade, ou mesmo, às lutas históricas referentes ao seu desenvolvimento. Entre essas práticas, podemos citar o samba. Ele atravessa a história nacional, e principalmente das pessoas negras e escravizados/as que foram seus fundadores/as, interseccionado por outros sintomas da sociedade como gênero, classe e raça.

Consolidado como um gênero musical influente e importante no cenário brasileiro, o samba foi destacado em uma pesquisa realizada pela área de *Learning &*

Insights do IBOPE Media (2013). O público-alvo foi composto por ouvintes de rádio das principais capitais e regiões metropolitanas do país. Nesta pesquisa, o samba foi categorizado junto ao pagode, e os resultados mostraram que foi o terceiro gênero musical mais ouvido naquele período, representando 44% do total de músicas ouvidas pelo grupo focal indicado. Gabriel Melo (2017) fez um balanço sobre a circulação musical no *Spotify* Brasil, em sua dissertação intitulada “O som do *Spotify* Br: dimensões do consumo de música digital no Brasil”. Ele apresenta o samba/pagode como um gênero musical que ainda figura entre os mais tocados na plataforma digital *Spotify*, com dados coletados entre os anos de 2016 e 2017, principalmente no estado do Rio de Janeiro (apontado por parte da historiografia como berço do samba).

Essas pesquisas expõem a vivacidade do samba atualmente. Além disso, podemos destacar os sambas-enredo das escolas de samba em todo o país, que, principalmente nos carnavais, também demonstram a importância do gênero musical, é um girassol, pois, já está consolidado.

E todo girassol já foi semente. Até o desabrochar da flor, existe um longo caminho influenciado por condições climáticas, quantidade de água que recebe, solo, predadores e uma série de elementos que afetam este processo. Quais foram os elementos que atravessaram o samba em seu estado de semente? Na história, é uma tarefa complexa e difícil encontrar os eventos que podem ser considerados como marco zero de uma prática. Entre os fatores dessa dificuldade, podemos citar a escassez de fontes, a transmissão oral fragmentada, a impossibilidade de leitura de determinadas formas de escrita e outros. Para buscar pistas e construir um pouco dessa história do samba, apresentaremos nos próximos parágrafos alguns dos resultados do projeto de pesquisa intitulado “O samba na imprensa nacional do século XX”.

Esta pesquisa foi realizada entre os anos de 2023 e 2024, teve como um dos seus objetivos catalogar todas as incidências da palavra samba nos periódicos nacionais do século XIX (1800 – 1899) que estão disponibilizados na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, sendo encontrado o total de 1179 matérias contendo a palavra samba. A metodologia da pesquisa foi construída com a utilização da busca por palavras-chave, neste caso, utilizamos o termo samba para fazer as buscas por todo site. Posteriormente, descartamos momentos em que a tecnologia nos indicou palavras que não tinham nenhuma relação com o samba, como por exemplo “sahido” e estas foram excluídas da catalogação. Desta maneira, chegamos no número indicado acima.

Nosso objetivo neste artigo será analisar estas fontes e discutir as intersecções que atravessaram o samba no século XIX, a partir das matérias publicadas em periódicos, que trouxeram a marcação dos/as escravizados em seu conteúdo, tendo como marco inicial a primeira incidência da base de dados que remete ao ano de 1830 até a última que foi em 1899. Para esta finalidade, apresentaremos aos/às leitores/as, em subseções, a utilização dos jornais como fonte, mapeamento das pesquisas sobre o tema e posteriormente a discussão das fontes que encontramos.

Os Jornais como Fonte na Busca por uma Construção de Memórias das Pessoas Negras

No campo de estudos da história do lazer, nos últimos anos, tem sido presente a utilização dos periódicos como fonte. Se voltarmos nossos olhos aos trabalhos produzidos nos últimos 10 anos na linha de pesquisa 02 do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, denominada Memória e História do Lazer,

perceberemos que uma grande parcela das dissertações e teses utilizaram os periódicos como fonte⁴.

É necessário adotarmos alguns cuidados metodológicos ao utilizar este caminho. José Barros (2022) indica que devemos considerar que os periódicos fazem parte de uma rede de competitividade, principalmente no século XIX, quando o público-leitor era específico e pequeno em termos de quantidade. Estudando o Rio de Janeiro como exemplo, o autor apresenta as mudanças mercadológicas e a circulação de ideias entre as transições dos séculos XVIII para XIX, bem como as diferenciações políticas específicas de cada período e como esses elementos influenciam o fazer jornalístico.

Em outro texto, José Barros (2021) demonstra que os jornais buscavam certa padronização na relação de consumo com seu público-alvo. Para isso, observa-se, principalmente no século XIX, preocupações com a inclusão de conteúdos nos jornais que versassem sobre determinados temas, manutenção de preço estável, captação de patrocínios, entre outros aspectos. O autor discute que os periódicos fazem parte da sociedade em sua dinâmica sociocultural e desta forma, se torna importante como meio de comunicação que pode alcançar diversas pessoas de um território.

O jornal, quando utilizado como fonte para o fazer historiográfico, não deve em nenhuma medida ser encarado como porta-voz da verdade sobre determinado fato, pois representa a visão de seus proprietários, que podem influenciar o tipo, o formato, o conteúdo e outros elementos da matéria. Um periódico não está isento nem mesmo das visões políticas daqueles/as que o escrevem, como expõem Márcia Silva e Gilmara Franco (2010). Sobre este aspecto da realização da crítica das fontes, Rafael Lapuente (2016) discute como a imprensa busca atender de maneira objetiva ao seu público-alvo e esta ação interfere diretamente no formato do discurso de um periódico. Um

⁴ Trabalhos estão disponíveis em <https://repositorio.ufmg.br/> e http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/pos_graduacao/estudos_do_lazer_mestrado_doutorado/defesas.

acréscimo importante que Rafael Lapuente faz é sobre o conceito de público, ao passo que esse é caracterizado pela busca de pessoas que tenham um determinado pensamento em comum e estejam separadas geograficamente, sendo o periódico o fio condutor da junção em torno de uma ideia sobre certa temática, marcando sua importância social.

Neste artigo, analisaremos as fontes históricas com os cuidados e percepções mencionados anteriormente. No entanto, seguiremos as considerações de Danilo Ramos (2022), que aponta a possibilidade de encontrar pistas no que não está explicitamente ditas nas matérias. Um exemplo é um recorte de jornal que relata a prisão devido à realização de um samba. Além de informar explicitamente sobre a prisão, esse recorte nos fornece indícios importantes, como o bairro, o horário e o dia da semana em que o samba ocorreu. Assim, podemos extrair informações além do que a fonte declara diretamente, sem criar dados fictícios, preservando o rigor científico no uso dos periódicos como fontes históricas. Por fim, vale destacar que a escolha pelos periódicos se justifica pela acessibilidade e disponibilidade proporcionadas pela Hemeroteca Digital.

Mapeamento das Pesquisas sobre os Sambas no Século XIX

Antes de iniciarmos nossas discussões sobre a temática, apresentaremos um mapeamento que fizemos sobre o que já existe, em termos de produção, sobre sambas no período da escravidão. Para isso, utilizamos as bases de *dados Scientific Electronic Library Online* – SciELO Brasil, o banco de teses e dissertações da Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES e o *Google Acadêmico*, além disto, utilizamos a ferramenta *online “Connected Papers”*⁵. Desta forma, utilizamos os termos “samba e escravidão” como princípios da busca.

⁵ Que permite buscas a partir do DOI de um artigo sobre um tema específico.

Posteriormente, nossos resultados sobre o assunto resultam em uma amostra pequena e trazemos ao nosso artigo as que julgamos mais próximas à nossa discussão, ao longo do texto, apresentaremos outros que irão nos auxiliar na construção narrativa e conceitual do trabalho.

Clarissa Maia (1996) discute a tentativa de controle social dos/as escravizados/as pela elite em Pernambuco no fim do século XIX (1850–1888). Dessa maneira, aponta o samba como um foco de atuação repressiva da ação do estado através da polícia e da classe dominante da localidade. A autora nos mostra, a partir das análises das posturas públicas da cidade de Recife, que os sambas e batuques foram proibidos, entretanto, nunca deixaram de existir, em um movimento de resistência dos/as escravizados/as.

O samba, como uma resistência potencializadora de transmissão de conhecimento ancestral, deságua nas escolas de samba como transmissoras desse saber construído ao longo de séculos. Cristiano Araújo (2023) aponta essa questão em sua pesquisa. Cabe destacar que o autor demonstra como o samba, enquanto letra e música, é capaz de abordar diversos temas ao longo do tempo. Este estudo nos auxilia a imaginarmos a potencialidade das músicas entoadas durante os sambas, inclusive na consolidação de sentimentos humanizantes para as pessoas negras em situação de escravidão.

Sheila Silva (2016) analisa os sambas como armas da resistência negra devido à sua manifestação de saberes que auxiliam na construção de uma consciência racial por parte das pessoas negras. A autora apresenta como os sambas são epicentros de resistência negra, existindo em nosso país ao longo de dois modos de produção distintos, o colonialismo e o capitalismo. Ela destaca que os sambas precisaram desenvolver estratégias de existência para não desaparecerem, enquanto prática da cultura negra, e, independente do período histórico, são atravessados por uma série de

elementos da interseccionalidade que denotam características do próprio racismo estrutural e como foi lutando para existir. Nestes diálogos propostos, nosso trabalho irá ao encontro da conceituação do samba como espaço para sociabilidade das pessoas negras escravizadas.

Danilo Ramos (2022) sustenta que o samba representou, em Salvador (BA), na virada do século XIX para o XX, um espaço de sociabilidade e (re)existência, servindo como polo cultural que contribuiu para a existência das pessoas negras enquanto tomada de consciência de si, em um movimento de confirmação da sua própria condição de humano. Este autor conceitua a ação do estado e de parte da elite dominante em relação aos divertimentos das pessoas negras como necrolazer, no sentido de que as legislações, notícias na imprensa e o espírito do tempo colocavam tais práticas, como o samba, como selvagens, em sua maioria. Sendo assim, essas práticas estavam completamente afastadas da condição de humanidade e dos códigos morais vigentes. E estas considerações serão percebidas ao longo deste artigo, ao passo que o samba será um espaço de (re)existência e perseguição.

Endentemos que estes foram as pesquisas que dialogam diretamente com o texto em tela. Terminado nossas considerações iniciais, passemos a discussão das fontes.

“O Preto Raymundo, Crioulo, Cor Fula, Cara Larga, Beijos Grossos é Muito Ladino, e Diz Saber Ler, é Amigo de Sambas, onde Diverte-se Tocando Flautim”: Uma Análise dos Sambas na Vida dos/as Escravizados/as do Século XIX

O período que serve como pano de fundo deste artigo foi marcado por um modo de produção baseado no escravagismo. A exploração das pessoas negras vindas da África, em sua ampla maioria, pelos colonizadores as levou a serem tratadas como não-humanos, encarados como mercadorias. Entretanto, este não foi um processo pacífico.

Diversos estudos já apontam as resistências das pessoas negras em vários âmbitos, tais como os trabalhos de Rafael Marquese (2006), João Reis e Eduardo Silva (1989), entre outros.⁶ Nosso trabalho se concentra em outro aspecto desta relação, todavia, julgamos necessário incluir esta marcação.

Em 1847, no jornal *Diário de Pernambuco*, temos uma matéria em que percebemos dois aspectos que ajudam a caracterizar a possibilidade de sociabilidade do samba: o encontro geracional, confluência de posições sociais distintas de pessoas negras e o divertimento⁷ entre os/as escravizados/as.

Marcelo Lemos (2010/2011) apresenta a sociabilidade como um fenômeno multifacetado, com diferenças temporais em sua formação. Assim, segundo o autor, cada grupo social possui uma forma distinta de desenvolver e praticar sua sociabilidade no espaço/tempo. No trecho dessa matéria, observa-se uma sociedade em que a escravidão estava vigente, onde pessoas negras conviviam com status sociais distintos, podendo de uma maneira geral serem classificadas como livres ou escravizadas⁸. Destaca-se o samba como uma das possibilidades de ponto de encontro dessas pessoas negras, independentemente da posição social ocupada, observemos a referida matéria do jornal:

Roga-se às autoridades policiais da freguesia de Santo-Antônio do Recife, que hajam de pôr as suas vistas em um açougue na casa onde morou o falecido vigário de Santo-Antônio, na rua do Rangel, onde há samba e jogo a maior parte das noites, entre um grande número de pretos forros e cativos, donde têm resultado haver tapas e pancadas com escândalo do público, e prejuízo dos senhores dos escravos que lá se ajuntam.⁹

⁶ Para mais dados sobre a escravidão e o tráfico de vidas negras acesse: <https://shifter.pt/2020/06/slave-voyages-trafico-de-escravos/>

⁷ Neste trabalho, optamos por manter a palavra “divertimento”, respeitando as fontes, ao nos referirmos ao fenômeno que hoje conhecemos como lazer. Desta maneira, justificamos a escolha do termo aos leitores/as, como uma forma de privilegiar as fontes pesquisadas.

⁸ A trama social em curso era formada por retalhos mais complexos que a dicotomia apresentada acima. Entretanto, usamos a título de exemplificação, por isso tal escolha.

⁹ *Diário de Pernambuco*, n. 124, p. 3, 05 de junho de 1847.

Chama-nos a atenção a frequência com que os sambas são realizados naquela localidade, sendo informados que ocorrem "na maioria das noites"¹⁰. O foco da reclamação publicizada nos dá a impressão de que as lutas corporais são uma decorrência esperada do samba. Como consequência dessas brigas, fato que, em nossa perspectiva, é parte de uma ideologia repressora, com a necessidade da intervenção policial para evitar o dano que pode ser causado aos corpos dos/as escravizados/as, tratados como mercadoria humana. Isso remete à diferenciação subjetiva do/a autor/a da matéria em relação aos divertimentos dos/as escravizados/as, conforme o risco imposto aos seus respectivos corpos. Ao serem tratados como mercadorias, qualquer ação que altere ou interfira em seu físico é vista como uma ameaça aos investimentos dos/as colonizadores/as. Contraditoriamente, esse mesmo corpo é colocado em uma posição de desumanização, ao passo que seu sofrimento não é reconhecido nem permitido devido à sua condição negada de humano, traduzindo uma das consequências do racismo estrutural, conforme apontam Flauzina e Freitas (2017).

Em um artigo, Walmyra Albuquerque (2018) apresenta uma discussão sobre os limites da liberdade dos/as escravizados/as a partir do samba como eixo de observação. Embora fosse evidente que havia mudanças sociais em curso, com a ruptura do sistema escravocrata que traria uma nova dinâmica social, também seriam notórias suas consequências para diversas práticas culturais, como o samba.

Outro autor que trazemos para nosso debate é Sidney Chalhoub (1990), que demonstra uma teia complexa em relação à sociabilidade dos/as escravizados/as no Rio de Janeiro. Ao analisar os processos criminais, pontua que a liberdade tinha diversos significados na sociedade como um todo e, principalmente, individualmente, inclusive entre os/as escravizados/as. Dessa forma, a fruição do tempo e seus significados eram

¹⁰ Idem.

interseccionados pelas experiências, sentidos, forma, possibilidade de acesso e uma série de outros elementos que proporcionavam uma visão heterogênea dos/as próprios/as escravizados/as sobre liberdade e em nosso prisma, estas relações são evidenciadas na potencialidade do samba como espaço de sociabilidade.

Em um recorte do periódico “*A Regeneração*” de Santa Catarina, mas que remete a um acontecimento em Pelotas, percebemos características das duas concepções citadas anteriormente. Temos a narrativa de um evento em que escravizados/as se ajuntam para ir a um samba em outra propriedade sem a permissão de seu “senhor”. Inclusive, quando um dos filhos do proprietário do local onde ocorria o samba, acordado por um cachorro assustado com o som, juntou a polícia privada e vizinhos para acabar com a festa, foi surpreendido pela resistência física desses/as escravizados/as. Ou seja, o samba, como local de ajuntamento de escravizados/as de diferentes localidades e consequentemente de trocas culturais e consequentemente sua função de servir como um espaço de sociabilidade resistia às investidas de repressão, independentemente de sua origem, inclusive na luta física contra seus “senhores”. O que caracteriza, em nossa perspectiva a importância dada a prática pelos/as escravizados/as, ao passo que o que estava em jogo nestes sambas proibidos eram suas vidas. Neste recorte quando citado a morte de um escravizado em fuga percebemos ainda as possibilidades de “locação” de escravizados/as, na medida em que somos informados que “Roque era escravo do Sr. Alberto de Campos Velho e estava alugado ao Sr. Maurício”¹¹ e como ir para uma outra propriedade, no sentido amplo da palavra tanto de um novo “senhor” quanto localidade, poderia ser um subterfúgio para que os/as escravizados/as burlassem as regras estabelecidas. Abaixo compartilhamos esta matéria na íntegra.

¹¹ A Regeneração, n. 162, p. s/n, 20 de julho de 1884.

Sob a epígrafe - desordem à morte, noticiou o "Diário de Pelotas." - Os escravos do Sr. Manoel Maurício, morador na praça Conde d'Eu, convidaram, sem licença de seu senhor, diversos companheiros em número de dezesseis, para um "samba." Alta noite, um dos filhos do Sr. Maurício acordou devido ao barulho que ouvia nos fundos da casa e, procurando saber o que era, encontrou parte dos convivas na maior bebedeira e algazarra. Procurou fazer retirar os negros que não eram da casa e conter os outros, mas todos tentaram agredi-lo. Então chamou diversos vizinhos em seu auxílio e, com a ajuda da polícia particular, puderam prender dois dos turbulentos, enquanto os demais fugiram. **O negro Roque, chefe do "samba", na ocasião em que fugia, caiu dentro de um poço na chácara, falecendo em seguida.** Roque era escravo do Sr. Alberto de Campos Velho e estava alugado ao Sr. Maurício.¹² **Grifos nossos.**

Em outro momento, o samba é marcado como um espaço de sociabilidade para escravizados/as, frequentemente alvo de intervenções policiais solicitadas para sua repressão. Além disso, é descrito como uma prática que causava incômodo à vizinhança. Essa questão revela que o controle social era uma trama complexa, composta por diversas camadas. Não apenas as elites e o Estado, em toda sua extensão, estavam preocupados com a vigilância sobre os sambas, mas também outros segmentos da sociedade, como os reclamantes mencionados na matéria apresentada a seguir.

Informam-nos que nos sábados e domingos à noite costuma reunir-se, na rua do Cotovelo, uma porção de negros escravos; e aí formam em seguida um samba, que não deve ser tolerado pelo incômodo que causa. O sossego das famílias, principalmente às horas de descanso, e a ordem pública repugnam com a existência anacrônica desse baile africano¹³.

Assim como no recorte acima, é perceptível nas outras fontes que os sábados e domingos eram os dias de maior ocorrência dos sambas. Outra característica que precisamos registrar é a presença de cachorros nessas localidades como forma de guarda. Inclusive, no recorte que disponibilizaremos abaixo, foi o latido dos cães que denunciou o furto de uma vaca¹⁴. Chamou-nos a atenção a tentativa do/a autor/a da matéria de associar o furto aos sambas que ocorriam nas redondezas do local do fato,

¹² Idem.

¹³ Diário de Pernambuco, n. 30, p. 2, 06 de fevereiro de 1862.

¹⁴ O Paiz, n. 251, p. 3, 08 de novembro de 1886.

sem que explicitasse a veracidade da acusação ou as motivações que levantaram a possibilidade, matéria a seguir.

Ontem, das 10 para 11 horas da noite, o sr. major Inácio José Ferreira, achando-se já recolhido com sua estimada senhora e filhas no seu sítio, no Tamoio-Grande, próximo à Estação de bondes, foi despertado pelo ruidoso latido de um cão de sua propriedade.

Indo o sr. major e sua família verificar o que ocasionava o desespero do animal, encontraram-se com um negro que, já tendo laçado uma vaca, fugiu com ela. No encalço do ladrão, seguiu o sr. major gritando, até que, socorrido pelo sr. Herculano Almeida, acompanhado de quatro homens, o ladrão desapareceu, abandonando a vaca.

Para evitar a reprodução de tais fatos e as desordens que frequentemente ocorrem em um samba que acontece todos os sábados e domingos nas imediações do sítio "Dois Leões", convém que aquele lugar seja rondado por uma patrulha, mais efetivamente durante a noite, mantendo-se atenta até a hora de se retirar ou recolher-se ao quartel¹⁵.

Esse tipo de pedido de vigilância e repressão aos sambas por parte da sociedade, através de denúncias, foi constante em nossas fontes. No exemplo que apresentamos abaixo, existem elementos importantes para nossa argumentação. O local da reclamação é uma olaria, então, em certa medida, podemos inferir que havia a permissão do proprietário do local e possivelmente do "senhor" daqueles escravizados/as para que o samba ocorresse. Não podemos encarar tal fato como uma bondade, pois, neste caso, pelas fontes disponíveis, é impossível traçar as negociações que foram feitas sobre a realização deste samba. Outro ponto que discutimos é a maneira como o samba é tratado musicalmente na matéria, ao passo que o/a escrevente indica que a música não é desenvolvida entre os/as escravizados/as.

Na olaria, que fica próxima ao beco das Barreiras, acontece todos os sábados um samba de escravos, que coloca os moradores daqueles arredores em um verdadeiro incômodo; pois todos sabem que a música é pouco desenvolvida entre os filhos da África, que possuem a harmonia ao estridor de um completo charrivari. O dono daquela olaria deve fazer com que cesse semelhante fato, sendo admirável que já não tenha feito alguma coisa nesse sentido. Hoje, portanto, reclamamos por esta medida, que não deve ser adiada por mais tempo¹⁶.

¹⁵ Idem.

¹⁶ Diário de Pernambuco, n. 85, p. 2, 11 de abril de 1860.

Como espaço de sociabilidade, o samba também esteve cercado pela violência do período. Em nossas fontes, encontramos a divulgação de um julgamento no qual um escravizado foi condenado por tirar a vida de um policial durante um samba. Procuramos nos afastar de uma visão romantizada do fenômeno e mostrar suas contradições e as possibilidades de violência endógena. Em nossa perspectiva, essa morte não foi consequência de uma defesa contra a repressão, mas motivada por razões distintas, o que pode indicar que alguns policiais também frequentavam os sambas em seus momentos de folga. Cabe mencionar que, conforme a matéria, a sentença de prisão foi convertida em açoites, como mostramos a seguir:

Júri da capital. - No dia 22 entrou em julgamento o réu Antônio, escravo do capitão José Albano, acusado pela morte de um soldado de polícia, na noite do dia 13 do mês passado, em um samba. O réu foi condenado à pena de 12 anos de prisão, que foi comutada pelo Dr. juiz de direito, na forma da lei, em 400 açoites¹⁷.

Outra morte a que tivemos acesso foi uma casual, onde uma pessoa foi atingida por um tiro acidental que partiu de uma casa onde ocorria um samba e um dos participantes quis saudar a chegada de uma pessoa¹⁸. Contudo, a referida matéria não nos detalhou quem fez o disparo, e assim, não conseguimos identificar seu status na sociedade nem fazer inferências sobre o processo como um todo. Pelo contrário, a fonte nos deixa com questões abertas, tais como: seria o autor do disparo acidental um escravizado? Por qual motivo ele foi ao samba portando arma de fogo? Qual a posição social do amigo que chegava ao samba para merecer uma saudação com disparos? Segue matéria na íntegra:

No dia 19 do corrente mês, à noite, no distrito de Santo Antônio de Jesus, Umbelino de tal, em um samba numa casa à beira da estrada, chegando um seu amigo e ele querendo anunciar sua chegada, que aplaudiu, disparou um tiro de pistola para o lado da estrada. Nesse momento, passava o preto João, escravo de Francisco Félix de Souza Andrade, em quem empregou toda a munição do tiro, e caiu morto instantaneamente.

¹⁷ O Cearense, n. 2670, p. 1, 25 de julho de 1868.

¹⁸ Jornal do Commercio, n. 134, p. 1, 14 de maio de 1868.

O subdelegado efetuou a prisão do criminoso, que remeteu para as cadeias desta cidade, e está organizando o respectivo processo¹⁹.

Em um crime noticiado em cinco periódicos de quatro estados diferentes (Pernambuco, Maranhão, Rio de Janeiro e Ceará) temos a exposição de um crime, onde após gastar parte do dinheiro roubado, um homem negro foi preso em um samba apenas com uma pequena quantia em dinheiro, em relação ao valor roubado. Uma característica desta ação foi que o infrator gastou parte dos recursos em divertimentos tais como explicitado no trecho “fez farra com os comparsas”²⁰. Em seguida apresentamos o texto na íntegra.

Atentado grave. — Conforme um jornal de S. Carlos do Pinhal, S. Paulo, narra um atentado praticado pelo liberto João, justificado pelo povo:
“O liberto João dirigiu-se à chácara do Sr. Simeão, à procura de seu filho que estava no cafezal, não se encontrando naquela propriedade.
“Em casa, encontrava-se a Sra. Palmira Sampaio, casada com o filho do Sr. Simeão, tendo em sua companhia apenas uma criança de 14 anos, mais ou menos.
“Chega o liberto e diz que desejava falar com o marido da vítima.
— Não está em casa.
— Então, quem está aí com você?
— Ninguém.
“De imediato, o miserável atira-se a D. Palmira, agarrando-a pelo pescoço, quase a sufocando, e diz: — Onde está o dinheiro?
“A pobre vítima, quase desfalecida, pega a chave de um armário e mostra-o ao miserável negro.
“Este rouba 530\$000 e, ao sair, pega um banco e dá repetidas pancadas em D. Palmira.
“O criminoso fugiu, mas logo saíram pessoas em seu encalço, e no domingo à noite foi encontrado em um samba possuindo apenas 300\$000.
“Comprou fazendas, roupas finas, joias e fez grande farra com os comparsas” (Grifos nossos²¹).

Entretanto, mesmo com um relato detalhado, não possuímos informações sobre as motivações que levaram João ao samba em tão poucos dias após o acontecido. Inferimos que esta ação fazia parte de seu plano de utilização dos recursos apropriados indevidamente. Tão pouco conseguimos perceber a ligação de João com o samba. Todavia, se voltarmos a outras incidências do samba nos periódicos, percebemos que o

¹⁹ Idem.

²⁰ O Cearense, n. 167, p. 1, 25 de julho de 1888.

²¹ Idem.

gosto pelo samba foi dado como característica na busca de escravizados/as fugitivos/as. Em nosso prisma, isso faz parte, contraditoriamente, de uma confirmação do samba como prática entre os/as escravizados/as, inclusive por ter sido incluído nos anúncios como um elemento que poderia auxiliar na captura de escravizados em fuga.

Alexandra Silva (2018) apresenta, a partir de anúncios de escravizados/as em fuga publicados em periódicos do Rio de Janeiro no século XVIII, que existia uma diversificação cultural à qual essas pessoas tiveram acesso. Além disso, observa-se, segundo a autora, o desenvolvimento de saberes entre os/as escravizados/as, inclusive leitura e escrita. Aldinízia Souza, Antonia Pedroza e José Fagundes (2022) contribuem para este debate trazendo informações sobre as lutas das pessoas negras evidenciadas nesses anúncios. Parte dos anúncios que analisaram para fazer suas respectivas leituras sobre o Rio Grande do Norte oitocentista evidencia a construção de determinadas rotas de fuga pelos/as escravizados/as. Fernanda Ferreira (2020), analisando os anúncios de periódicos do Rio de Janeiro na metade do século XIX, traz as diversas narrativas que um anúncio contém e as possibilidades que nós, historiadores/as, podemos incorporar em nossas pesquisas. Nesse sentido, a autora observa que, no futuro, tais anúncios nos mostram a capacidade de ação individual na luta pela liberdade, materializada no ato de fugir. Estes trabalhos são importantes para nossas análises ao passo que indicaremos os elementos que configuram o samba como característica de determinada pessoa negra.

Tendo em vista este assunto, trazemos a discussão sobre o samba de maneira conceitual, considerando-o um veículo de transmissão de conhecimento que faz parte da ancestralidade do povo negro no Brasil, surgido da junção de diversas outras práticas culturais de nações distintas. Começamos pela questão de ser realizado através da oralidade, uma característica importante para a (re)existência das pessoas negras. Marinalva Barbosa (2017), ao tratar das práticas musicais dos/as escravizados/as no

século XIX, aponta a possibilidade das comunicações corporais seguindo as batidas do próprio samba e como ele serviu para as possibilidades de encontro linguístico entre os/as escravizados/as, que em alguns casos possuíam línguas diferentes.

Na primeira incidência de anúncios sobre escravizados/as em fuga²², que tivemos contato em nossa pesquisa, nos é apresentado Raymundo que após ter suas características físicas descritas, o periódico é enfático ao elencar sua ligação com o samba, bem como adjetivar tal prática como um divertimento. Apesar de não retratar a forma como ele foi capturado na primeira fuga, é necessário apontarmos que, em nossa visão, o samba foi incluído no anúncio porque os reclamantes sabiam que Raymundo procuraria sambas como uma das formas de divertimento, independentemente de onde estivesse, pois, era parte dele enquanto um ser humano. Dessa forma, com todos/as cientes, as chances de captura aumentariam. Como o local de seu esconderijo era incerto, ele poderia ser localizado nos sambas, abaixo compartilhamos a incidência discutida.

Desapareceu no dia 11 de novembro do ano passado o preto Raymundo, crioulo, filho do Icó, de idade 25 anos, pouco mais ou menos, cor fula, cara larga, beiços grossos, barba cerrada, estatura regular, rendido de uma virilha, pouco volumosa, é muito ladino, e diz saber ler, é amigo de sambas, onde diverte-se tocando flautim: o mencionado preto foi capturado no engenho Tapacará, de onde tornou a fugir no fim de 4 dias: quem o pegar, queira levar à rua Direita n. 78, que dar-se-á paga generosa²³.

Em seguida, compartilharemos quatro incidências que demonstram como o samba era considerado um divertimento por parte da sociedade. Nota-se que os anunciantes conseguiam distinguir qual a função que os/as escravizados/as em fuga ocupavam nos sambas, desde cantores a batucadores. Além disso, podemos perceber a forma como poderiam se vestir para irem aos sambas, bem como o porte de faca possivelmente para defesa (uma das possibilidades). Outra característica que

²² Diário de Pernambuco, n. 9, p. 3, 12 de janeiro de 1854.

²³ Idem.

ressaltamos é a ocorrência dos sambas, nestes anúncios, em diversos estados como Ceará, Pernambuco e Rio de Janeiro. Em um dos recortes o escravizado é identificado também por estar próximo de mulheres, apresentando as possibilidades de relações amorosas a partir de espaços de sociabilidades como o samba. Destacamos que nossas fontes nos permitem inferir que o samba perdurou por todo século XIX, materializando seu processo de (re)existência e possibilidades de divertimento para as pessoas negros. Esses fatos podem auxiliar a comprovar que o samba tem surgimento e desenvolvimento multifacetado. Abaixo, compartilhamos parte dos nossos achados na íntegra.

Anda perambulando nesta capital, nos subúrbios, ou mesmo fora, Antonio da Gama. Caboclo de cabelo bem liso; baixo e corpulento, pernas um pouco arqueadas, sem dentes na frente, de voz um pouco nasal, cantor de samba, escravo do abaixo assinado que gratifica a quem capturá-lo. Dr. Meton²⁴.

Fugiu no dia 22 do corrente mês, do engenho Cuyeira, da comarca de Nazaré, o escravo de nome Marculino, crioulo, de idade 24 anos, e pertencente ao abaixo-assinado, com os seguintes sinais: estatura regular, corpo cheio, cabelos carapinhos, rosto redondo ou carnudo, nariz chato, olhos pequenos e vermelhos, pouca barba, dentes alinhados, boca regular, pés grandes e bem feitos, bem falante, e costuma cantar ou lujar em samba, trajando calça de algodão azul, camisa de algodão branco, chapéu do Chile, conduzindo mais uma camisa de chita encarnada e calção de linho de cor, porém já desbotada, chapéu de couro, uma faca de ferreiro, navalha e espelho. Rogo às autoridades policiais, capitães de campo e proprietários, que se dignem prestar atenção, a fim de ser capturado o dito escravo, e conduzido a seu senhor, que no Recife é o Sr. Antonio Martins do Rio, com prensa de algodão, que serão bem recompensados. Manoel Caetano de Queiroz²⁵.

Escravo fugido. Paga-se bem a quem pegar e trazer nesta cidade, o escravo Paulino; entregando ao abaixo assinado. Tem os seguintes sinais: é cabra preto, estatura ordinária, grosso do corpo, pernas e braços, cara redonda, olhos bem vivos, falta de dois dentes na frente; é bastante gago, pouca barba, muito amigo de samba e de cachaça. Levou um bilhete concedendo-lhe 4 dias de licença para procurar senhor; entretanto, fazem 20 ou mais, que foi visto em Maranguape²⁶.

Pede-se especialmente aos Srs. capatazes que procedam à captura de um escravo de nome Mário, que do engenho Braço do Meio, da freguesia da Escada, fugiu no dia 24 de Janeiro próximo findo, o qual tem os seguintes sinais: é preto, um pouco velho, bem parecido de rosto, altura e grossura regular, representa ter 45 anos, falta-lhe um dente na frente, um dos pés tem calo e unha grossa e usa barba. É profissional de carpintaria, toca violão e

²⁴ O Cearense, n. 177, p. 4, 22 de abril de 1877.

²⁵ Diário de Pernambuco, n. 56, p. 4, 09 de março de 1880.

²⁶ Pedro II, n. 234, p. 4, 05 de novembro de 1868.

canta, e procura sempre se encontrar em samba e com mulheres em companhia, veste-se bem e distingue-se por forro; sabe levar calça e jaqueta de brim pardo, chapéu de feltro, cor de café (pode mudar de traje porque é costume trocar a roupa e chapéus). Tem fugido várias vezes e sempre procura trabalhar pelo ofício e ser servente de pedreiro, carreia e almocreve nos engenhos; outrora, fugindo para o Recife, empregou-se a bordo na descarga do carvão e bacalhau, sendo para tudo muito diligente. Quem o apreender e entregá-lo no engenho Braço do Meio receberá a quantia acima; recolhendo-o na Casa de Detenção e dando parte aos Srs. Correia & C., na rua do Imperador nº 50, receberá 80\$²⁷.

Outra fonte que é necessário darmos visibilidade retrata que o período da escravidão poderia terminar no papel e mesmo com a liberdade os/as escravizados/as regressariam para as fazendas onde viviam, a medida em que seria feito um grande samba em favor da congregação das classes e ao seu fim as pessoas negras estariam tão felizes com a festa que esqueceriam sua condição de livres e retornariam as condições iniciais. Realçamos que o /a escritora/a da matéria mantém, em sua interpretação da sociedade, o samba como fio condutor de uma congregação pacífica entre as classes e raças, demonstrando em nossas considerações a potencialidade do samba, vejam a matéria mencionada:

A questão da escravatura será resolvida de modo que o escravo e o senhor se tornem bons amigos e ambos cooperem para o engrandecimento da agricultura e sua prosperidade. Há de convocar todos os escravos, que se acham espalhados pelas províncias do império, para se reunirem na capital da Bahia e aí formar um samba colossal. Um caruru formidável, com pipas de cachaça ao redor, conseguirá o que até aqui tem sido o espantinho de todos os governos: a emancipação sem a perda do braço escravo. Depois do samba e do caruru, dirá aos pretinhos: “Escravos, estais livres; fazendeiros, abraçai os vossos escravos.” Agradecidos, os pretinhos pelo samba voltarão para as fazendas como homens livres e amigos de seus ex-senhores. Está resolvido o problema²⁸.

Em outro recorte temos o samba sendo demonstrado como um local em que uma pessoa, provavelmente não negra, pagava cervejas para poder falar com uma escravizada²⁹. Esta matéria contém alguns traços irônicos do/a autor/a, entretanto, podemos destacar a possibilidade de criação de laços amorosos dentro dos sambas, além

²⁷ Jornal do Recife, n. 29, p. 3, 06 de fevereiro de 1875.

²⁸ A União, n. 7, p. 28, 18 de junho de 1884.

²⁹ Echo Popular, n. 97, p. 4, 16 de janeiro de 1870.

de marcar o samba como prática cultural das pessoas negras. Na íntegra, temos: “Coisinhas de Botafogo. Será verdade que o V... Palastrana frequenta à noite o samba de negros, onde paga cerveja afim de poder falar com a propriedade do B...?”³⁰”

A última fonte escolhida para discussão tem uma percepção dos “malefícios” da propaganda abolicionista nos/as escravizados/as, ao passo que indica a influência desta em um episódio de violência causado pela interrupção do samba. A matéria ainda mostra a preocupação do/a escritor/a em marcar a localidade dos escravizados e adjetivá-los, ironicamente em nossa perspectiva, como “reconhecidos”³¹, além de criticar a propaganda abolicionista como um sinônimo de dar base para ações de escravizados/as contra seus/suas senhores/as. Reproduzimos o recorte do jornal na íntegra:

Que negros reconhecidos são os escravos da fazenda da Divisa! Porque o senhor ordenou que acabassem com o samba que faziam, um deles o apunhalou, dando-lhe cinco facadas, às quais teria sucumbido, se não fosse o paletó grosso que vestia. Efeitos da propaganda abolicionista³².

Terminamos nossas análises sobre as fontes obtidas nos periódicos. Ao longo de nossa leitura, trazemos algumas reflexões a partir da perspectiva teórica negra. Destacamos que a escolha de utilizar os periódicos como única fonte de nossa pesquisa nos condiciona às suas respectivas análises. Dessa maneira, na seção seguinte, discutiremos algumas teorias sobre negritudes, samba e divertimentos no século XIX.

Epistemologias Negras, Samba e (Re)existências: À Guisa de Conclusão

Clóvis Moura (2014), ao analisar as lutas dos/as escravizados/as, identifica esses movimentos como um sintoma sistemático. As ações individuais, quando exploradas coletivamente, mostram que, mesmo sem uma organização formal entre si, formam um

³⁰ Idem.

³¹ Diário do Brasil, n. 116, p. 2, 24 de maio de 1882

³² Idem.

conjunto plural de ações que tem o mesmo sentido em si, sugerindo que poderia ser considerado como um dos espíritos do tempo de parte das pessoas negras daquele período escravocrata. O autor também discute que os batuques eram práticas culturais capazes de manter vivas as tradições tribais vindas da África e, em certa medida, poderiam se tornar espaços de sociabilidade, inclusive contra hegemônicos em termos socioculturais. Adicionamos a estas percepções de Clovis Moura o conceito de “criolização” proposto por Édouard Glissant (2005), destacando que o samba resulta da mistura de diversas culturas africanas e reflete um processo de construção de identidade negra nacional heterogênea. Observamos que o samba no século XIX evidencia o seu desenvolvimento como prática cultural negra e as raízes de sua discriminação racial.

Parte das fontes utilizadas neste artigo revela uma tentativa de desumanizar os/as escravizados/as, o que, em nossa análise, é parte do processo histórico do racismo estrutural, conforme apresentado por Silvio Almeida (2019). O samba, como fenômeno sociocultural, sofre influência desse processo; no entanto, sua existência naquele período poderia ter representado um potencializador para os/as escravizados/as. Nesse sentido, Adolfo Albán Achinte (2013) propõe que essas formas de criação da vida das pessoas negras e indígenas são técnicas que permitem contrapor o sistema opressor vigente, no caso deste artigo, a escravidão, e assim ressignificam a vida enquanto (re)existem. Junto a esta análise, temos as considerações de Danilo Ramos (2022) sobre os sambas em Salvador (BA) no final do século XIX para o XX, onde parte das pessoas negras que ocupavam esses espaços viviam um processo de resistir para se divertir e se divertir para existir. Nesse processo, tomavam consciência de si como seres humanos em um período próximo ao fim oficial da escravidão.

Trazer à tona as discussões propostas aqui é uma forma de possibilitar a quebra de uma narrativa única nos estudos sobre a história do lazer. O conceito de "narrativa

única", conforme apontado por Chimamanda Adichie (2019), refere-se à perpetuação de um pensamento racista sobre pessoas negras em um campo do conhecimento ou no cotidiano, ocupando um não lugar no imaginário social, à medida que existe uma narrativa oficial excludente. Acreditamos que este artigo contribui com a construção das histórias das pessoas negras sendo colocadas como centro das discussões, assim como apontam, também, Grada Kilomba (2019) ao se posicionar contra o epistemicídio do povo negro na vida real e na academia.

As fontes nos permitem inferir que o samba pode ser visto como parte da vida de uma parcela dos/as escravizados/as, inclusive quando estavam em fuga buscando sua liberdade, arriscando seu corpo físico. Conseguimos explorar um século de (re)existência que culmina na continuidade e vida do samba, mostrando-se, inclusive, como uma tecnologia ancestral de transmissão de conhecimento para o povo negro. Percebemos que o samba como um divertimento tem uma multiplicidade de significados que devem ser pormenorizados para percebermos a complexidade. Entre os/as escravizados/as não foi somente um espaço de sociabilidade, mas também de tomada de consciência de si, através de espaços de liberdade entre uma comunidade e tempo específico.

Concluimos este artigo cientes de que nossas discussões fazem parte de nossa construção teórica e escolhas argumentativas, e que são passíveis de equívocos. Destacamos, ainda, o respeito que temos por todas as memórias aqui trazidas, e por isso pedimos licença para seu uso. Acreditamos que existem pesquisas necessárias sobre o assunto como por exemplo as discussões sobre as intersecções de gênero nos sambas, durante este período entre outras.

Consideramos que existem outras perspectivas do pensamento negro que poderiam ser trazidas à nossa discussão. No entanto, no espaço deste artigo, acreditamos

que as intersecções propostas e o referencial teórico utilizado desempenharam esse papel. Houve vida das pessoas negras no período da escravidão, para além do mundo do trabalho, criadas em processos de luta e (re)existências, e o samba fez parte desse processo. Apresentar o samba como uma forma de divertimento não significa romantizar as lutas dos/as escravizados/as, mas sim auxiliar nos conhecimentos sobre as batalhas que pavimentaram o caminho para os sonhos das gerações futuras, ainda que estejam em um processo, a resistência das pessoas negras é uma tecnologia ancestral de sobrevivência coletiva, seja para existir ou se divertir, nesta perspectiva o samba não é apenas um gênero musical ou prática cultural, é um fenômeno sociocultural das pessoas negras historicamente plural e diverso, espaço para configuração das (re)existências em suas diversas camadas.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALBÁN ACHINTE, A. Pedagogías de la re-existencia. Artistas indígenas y afrocolombianos. In: WALSH, C. (org.). **Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir**. (Tomo I). Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

ALBUQUERQUE, Walmyra Ribeiro. O samba no sobrado da baronesa: liberdade negra e autoridade senhorial no tempo da abolição. **Revista Brasileira de História**, v.38, n.79, p.173–192, set. 2018. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbh/a/qM4cXZhwZftNr85Qcnq8B6z/#ModalHowcite>. Acesso em: 01 de jun. 2024.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAUJO, Cristiano Santos. “Nós nem cremos que escravos outrora tenha havido em tão nobre país”: o negro no contrapelo da república e do samba (1888-1989). **Caminhos - Revista de Ciências da Religião**, Goiânia, Brasil, v.21, n.2, p.455–469, 2023. DOI: 10.18224/cam.v21i2.13365. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/13365>. Acesso em: 03 jun. 2024.

BARBOSA, M. C. Modos de comunicação e práticas de leitura dos escravos do século XIX. **Comunicação Mídia e Consumo**, [S. l.], v.14, n.39, p.152–171, 2017. DOI: 10.18568/cmc.v14i39.1310. Disponível em: <https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/0000-0001-8875-7128>. Acesso em: 12 dez. 2024.

BARROS, José D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. **Revista Portuguesa de História**, t. LII, p.397-419, 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/rph/article/view/8691>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BARROS, José D'Assunção. Considerações sobre a análise de jornais como fontes históricas, na sua perspectiva sincrônica e diacrônica. **História**, v. 26, n. 3, p. 588-604, set./dez. 2022. Disponível em <https://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/21514>. Acesso em: 29 mar. 2024.

BISPO, Nêgo. Poesia declamada. In: MEKUKRADJÁ – Círculo de Saberes. 5. ed. Palestra realizada em 23 set. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gLo9ZNdgJxw>. Acesso em: 19 jul. 2024.

CHALHOUB, Sidney. **Visões da liberdade. Uma história das últimas décadas da escravidão da corte**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FLAUZINA, Ana Luiza Pinheiro; FREITAS, Felipe da Silva. Do paradoxal privilégio de ser vítima: terror de Estado e a negação do sofrimento negro no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v.135, ano 25. p.49-71. São Paulo: Ed. RD, set 2017. Disponível em https://bradonegro.com/content/arquivo/12122018_112348.pdf. Acesso em: 01 de jun. 2024.

FERREIRA, Fernanda Cristina Puchinelli. Decifrando as fugas escravas: narrativas, senhores e fujões na cidade do Rio de Janeiro (1840-1850). **Em Tempo de Histórias**, v.1, n.36, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/31768>. Acesso em: 9 jun. 2024.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora (MG): Editora UFJF, 2005.

IBOPE Media. **Pesquisa de Learning & Insights**: audiência de rádio nas principais capitais e regiões metropolitanas do Brasil. São Paulo: IBOPE Media, 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LAPUENTE, R. S. A imprensa como fonte: apontamentos teórico-metodológicos iniciais acerca da utilização do periódico impresso na pesquisa histórica. **Revista de História Bilros: História(s), Sociedade(s) e Cultura(s)**, v.4, n.6, 2016. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/bilros/article/view/7604>. Acesso em: 29 mar. 2024.

LEMOS, Marcelo Rodrigues. Sociabilidade em destaque: um ensaio teórico a partir do intercâmbio analítico entre Ferdinand Tönnies e Émile Durkheim. **Cadernos de Campo: Revista de Ciências Sociais**, n.14 e 15, 2010/2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5166>. Acesso em: 01 jun. 2024.

MAIA, Clarissa Nunes. Sambas, batuques, vozerias e farsas públicas: o controle social sobre os escravos em Pernambuco (1850 - 1888). **Clio: Revista de Pesquisa Histórica, Recife**, v.16, n.1, jan.-dez. 1996. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaclio/article/view/24883/20153>. Acesso em: 03 abr. 2024.

MARQUESE, Rafael B. A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negroiro e alforrias, séculos XVII a XIX. São Paulo: **Novos Estudos, CEBRAP**, 74, p. 107-123, Março de 2006.

MELO, Gabriel Borges Vaz de. **O Som do Spotify BR: dimensões do consumo de música digital no Brasil**. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado em Economia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2017.

MOURA, Clóvis. *Rebeliões da Senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas*. 5. ed. São Paulo: Anita Garibaldi / Fundação Maurício Grabois, 2014.

RAMOS, Danilo da Silva. **Resistir para se divertir, se divertir para existir: os “selvagens divertimentos” das pessoas negras em Salvador (BA) na virada do século (1890-1910)**. 2022. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer) – Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Orientador: Cleber Augusto Gonçalves Dias. Coorientador: Coriolano Pereira da Rocha Júnior. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/44151>. Acesso em: 01 jul. 2024.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito: a resistência negra no Brasil escravista**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

SILVA, Alexandra Lima da. O saber que se anuncia: o poder da palavra em tempos de escravidão (Rio de Janeiro, 1830 a 1888). **Revista Brasileira de História da Educação**, v.18, p.e002, 2018. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/42084/pdf_235. Acesso em: 05 de jun. 2024.

SILVA, Marcia Pereira da. FRANCO, Gilmar Yoshihara. Imprensa e política no Brasil: considerações sobre o uso do jornal como fonte de pesquisa histórica. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v.4, n.8, 2010. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/941>. Acesso em: 29 mar. 2024.

SILVA, Sheila Alice Gomes da. Entre batuques e cantos: o samba como arma de resistência negra. **Revista de História da UEG**, [S. l.], v.5, n.1, p.321–332, 2016. Disponível em: www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/4603. Acesso em: 03 jun. 2024.

SOUZA, Aldinízia de Medeiros; PEDROZA, Antonia Márcia Nogueira; FAGUNDES, José Evangelista. Os jornais como fontes para o ensino e pesquisa da escravidão e das lutas dos negros no Rio Grande do Norte oitocentista. **Brazilian Journal of Development**, v.8, n.10, p.70183–70196, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n10-345. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/53647>. Acesso em: 9 jun. 2024.

Endereço dos Autores:

Danilo da Silva Ramos
Endereço eletrônico: danielopelc@gmail.com

Alysson dos Anjos Silva
Endereço eletrônico: alysson227@gmail.com